FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

# MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

editado em colaboração com a
Fundação Nacional Pró-Memória

Rio de Janeiro
IBGE
1981

# CURT NIMUENDAJU

L. de Castro Faria

"Quer que lhe mande uma história da minha vida? É simples — nasci em Jena, no ano de 1883, não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente até 1913 São Paulo, e depois Belém do Pará, e em todo o resto foi, até hoje, uma série ininterrupta de explorações, das quais enumerei na lista anexa aquelas de que me lembro. Fotografia minha não tenho".

Essa é a autobiografia de Curt Nimuendaju, escrita a pedido de Herbert Baldus, alemão de nascimento como ele, e que já se empenhava nessa época (1939) em reunir o máximo de dados sobre autores e publicações, para compor a sua notável *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira,* registro quase completo e avaliativo de fontes históricas e de trabalhos produzidos nesse campo específico de saber.

Nessa autobiografia os dados convencionais aparecem reduzidos ao mínimo; não chegam a constituir um *Curriculum Vitae,* tal como H. Baldus, doutor pela Universidade de Berlim e percorrendo uma trajetória acadêmica, talvez esperasse. Mas na afirmativa de que "todo o resto foi, até hoje, uma série ininterrupta de explorações" estava a indicação do título máximo, que ninguém provavelmente poderia ostentar com riqueza igual, que afirmava o caráter singular da história da sua vida, que garantia a autenticidade absoluta da sua produção.

As atividades de Curt Nimuendaju são adequadamente designadas como de *exploração.* Nas primeiras décadas do século o campo intelectual europeu privilegiava as missões científicas de exploração e instituições especializadas — os museus — estavam empenhadas em ampliar os seus volumosos acervos de coleções, provenientes do colonialismo.

Os museus de etnografia, sobretudo, procuravam preencher os espaços ainda vazios, de sorte que os *primitivos* de todos os continentes ficassem devidamente representados nos seus mostruários. Criou-se desse modo um mercado de bens simbólicos, constituído de coleções etnográficas e arqueológicas.

A atividade de Curt Nimuendaju encontrou apoio e estímulo por parte dos agentes do campo intelectual que dirigiam esse processo e de certo modo controlavam esse mercado. A história da sua vida é parte importante desse processo. A sua trajetória se entrecruza com as trajetórias de muitos outros profissionais consagrados, que no campo intelectual europeu ocupavam posições de relevo na classe dominante, dirigiam instituições científicas patrocinadas pelo Estado, manipulavam as políticas nacionais de favorecimento científico.

As trajetórias profissionais de Curt Nimuendaju e de Erland Nordenskiöld, por exemplo, a despeito da imensa distância que os separava em termos de origem familiar, formação, ligações institucionais, linhas de trabalho, estiveram sempre interligadas. As trajetórias profissionais de outro europeu, Paul Rivet, e de um norte-americano de origem austríaca, Robert H. Lowie, compõem com as de Curt Nimuendaju e de Erland Nordenskiöld — numa certa medida também com a de Alfred Métraux — um pequeno feixe bastante ilustrativo desse estado do campo intelectual.

O caso de Erland Nordenskiöld é exemplar. Sua biografia inclui uma genealogia que remonta ao século XV. Em 1751 já os seus ascendentes tinham recebido um título de nobreza. Não só freqüenta uma universidade, como vive desde jovem dentro de um museu, que o seu pai dirigia. Inicia, no en-

tanto, a sua trajetória tal como Curt Nimuendaju — em 1901 faz parte de uma Exposição Sueca Chaco-Cordilheira, que regressa a Estocolmo "com grandes coleções de material zoológico, botânico e etnográfico". Realiza várias outras expedições e em 1913 já era Superintendente do Departamento de Etnografia do Museu de Gotemburgo, e a esta posição acrescenta a partir de 1924 a de professor de *Etnografia Geral e Comparada* do Museu de Gotemburgo.

Erland Nordenskiöld não apenas coleciona, mas na realidade cria um bom mercado para coleções etnográficas e arqueológicas da América do Sul, do qual participa o Brasil, por intermédio de Curt Nimuendaju.

"Foi então (1922) que se produziu um acontecimento que iria ter para a nossa instituição (Museu de Gotemburgo) conseqüências decisivas: o professor Erland Nordenskiöld entrou esse ano em contato, por intermédio do consul sueco no Pará, Sr. Gunnar Pira, com um eminente explorador, o Sr. Curt Nimuendaju, um dos melhores conhecedores dos índios do Brasil"... "Desde então a colaboração com o Sr. Curt Nimuendaju prosseguiu quase sem interrupção. O Museu de Gotemburgo deve ao Sr. Curt Nimuendaju o maior reconhecimento por todas as coleções do Brasil que ele obteve e que foram feitas não somente com o maior cuidado, mas também freqüentemente com uma bela audácia".

Até 1931 o Museu de Gotemburgo contava com o seguinte acervo — número de tribos representadas nas coleções, 96; coleções consideradas completas, 52; coleções do Brasil, 40; coleções do Brasil completas, 14. Coleções arqueológicas — número de regiões representadas, 64; número de regiões representadas por coleções completas, 17.

Essa atividade marcadamente colecionista tornara-se prática comum. O trabalho etnográfico podia ser feito com autofinanciamento — as coleções de objetos indígenas tinham mercado certo, mercado criado por cientistas e instituições nobres, como os museus.

De Belém, com data de 20 de outubro de 1932, Curt Nimuendaju escrevia a Heloisa Alberto Torres: "tenho à disposição do Museu Nacional uma boa coleção de 469 números dos índios Apinajé. Como a senhora pode ver pelo catálogo incluso, ela contém muitas coisas que raramente se encontram em coleções etnográficas, representando toda a cultura material daquela tribo. Coleção semelhante já organizei em 1929 e 1930; elas se acham agora nos museus de Dresden e de Gotemburgo. A presente coleção será a última, pois a decadência rápida da tribo não permitirá mais a organização de outra. Gostaria muito que pelo menos essa última ficasse no Brasil. O preço da coleção é de 10.000$000 (dez contos de réis)".

Três meses depois, em 27 de janeiro de 1933, insistia: "peço muito que a senhora comunique com a maior presteza possível a resolução do Museu Nacional. Há dois estabelecimentos (Berlim e Paris) que se interessam pela aquisição da coleção, e aos quais tenho de dar quanto antes uma satisfação caso ela não fique no Museu Nacional".

Eram realmente essas as suas condições de trabalho. Diz ele em outro documento: "as viagens de 1929 e 1930 foram subvencionadas pelos museus de Hamburgo, Dresden e Leipzig e pelo *Staatliche Forschungsinstitut fuer Voelkerkunde,* desta última cidade...".

As coleções de Gotemburgo e de outros museus da Suécia, principalmente, e dos vários museus alemães proporcionaram material abundante para os *Estudos de Etnografia Comparada,* de Erland Nordenskiöld, em nove volumes publicados de 1918 a 1931, e ainda um décimo volume aparecido em 1938, depois da sua morte.

No primeiro volume dessa série encontram-se dados que mostram claramente como se articulavam de maneira ostensiva a produção intelectual, o colecionismo e o comércio. O autor declara: "minha intenção de reunir os meus trabalhos comparativos sobre o desenvolvimento material dos Índios da América do Sul em três volumes e torná-los acessíveis ao público americano se deve à sugestão e ao custeio do Consul Geral Axel Johnson, diretor-gerente da Companhia de Navegação que leva o seu nome". Em nota ao pé de página uma informação dá conta da expansão da *Johnson Line,* em termos de tonelagem bruta, modernização da frota e valor em libras das exportações. Verifica-se que as exportações da Suécia para o Brasil aumentaram de £ 5.500 em 1904, para £ 126.830 em 1913.

Esses dados se encontram num livro de Etnografia Comparada, escrito com base em coleções de objetos indígenas, produzidas para um mercado que então se revelava bastante competitivo, e cujos lugares eram *museus*. Esses ocupam um espaço nobre, dentro da região do campo cultural coberta pelas categorias *etnografia, etnologia*. Os seus nomes e os nomes dos profissionais que neles construíam as suas trajetórias tornavam-se referências obrigatórias e permaneciam colados.

No segundo volume da mesma série (1920) Erland Nordenskiöld dirige agradecimentos a Kaj-Birket-Smith, do Museu Nacional de Copenhague, a Koch-Grünberg, diretor do Museu Etnológico de Stuttgart, a F. Krause, do Museu Etnológico de Leipzig, ao Dr. J. P. B. de Joselin de Jong, do Museu Real Etnográfico de Leiden, ao Dr. Max Schmidt, do Museu Etnológico de Berlim... Nas biografias de profissionais norte-americanos dessa mesma região do campo intelectual, na situação apreciada aqui, são igualmente recorrentes e valorizados os dados sobre atividades desenvolvidas nos museus — o preparo de exposições, as mensurações de crânios, as classificações de objetos etnográficos, e sobretudo o colecionamento. Tal fato se verifica, por exemplo, nas biografias de F. Boas, de C. Wissler, de Robert H. Lowie.

Curt Nimuendaju só começa a publicar a partir de 1914, aos 31 anos de idade. Nesse ano o *Zeitschrift für Ethnologie* divulga o seu trabalho sobre "A lenda da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani", estudo que E. Schaden qualifica de "monumental". Com pequenas interrupções, uma um pouco maior de 1915 a 1920, publica regularmente até morrer, em 1945. Permanece entretanto, por muito tempo, um autor de língua alemã. Além do *Zeitschrift für Ethnologie* acolhem os seus artigos os periódicos *Anthropos, Petermanns Geographische Mitteilungen, Ethnologischer Anzeiger* e até o *Provinzzeitschrift der Franciskaner in Nordbrasilien*.

A partir de 1923 o *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, sociedade sobre a qual P. Rivet exercia uma influência decisiva, começa a acolher vários dos seus trabalhos, alguns ainda em alemão, outros em francês e mesmo uns poucos em português.

Como autor de língua alemã ficava submetido a uma certa limitação quantitativa em termos de público, mas certamente não excluía profissionais considerados de língua inglesa, e que exerciam o papel de legitimadores do conhecimento produzido nessa região do campo intelectual, como por exemplo F. Boas e Robert H. Lowie, que certamente conheciam os trabalhos de Curt Nimuendaju publicados em alemão, em revistas de língua alemã, língua materna de ambos.

Robert H. Lowie torna-se como se sabe não apenas co-autor, mas também tradutor e editor de trabalhos de C. Nimuendaju, com o qual mantém correspondência regular. Graças a essa mediação os principais trabalhos de Curt Nimuendaju alcançam um novo público, mais amplo e sobretudo mais diversificado. Não se trata apenas de público de outra língua, mas de público de profissionais com notáveis diferenças de orientação teórica. Essas diferenças se tornam patentes não apenas em termos do confronto com o público de língua alemã, constituído sobretudo por alemães e austríacos, mas também em termos de diferenças internas, próprias do campo intelectual de língua inglesa, muito mais aberto.

Com os trabalhos publicados no *American Anthropologist* — "The Dual Organization of the Ramkókamekra" (Canella), 1937, em colaboração com Robert H. Lowie; "The Social Structure of the Ramkókamekra", 1938; "The Association of the Šerente", com Robert H. Lowie, 1939 — e no *Southwestern Journal of Anthropology* ("Social Organization and beliefs of the Botocudos of Eastern Brazil", 1946, Curt Nimuendaju atinge o grande público de leitores de revistas especializadas de língua inglesa de todas as partes do mundo, inclusive do Brasil.

As suas monografias, também publicadas em inglês como volumes de séries academicamente legitimadas e legitimadoras, sobre os Apinajé, os Cherente e os Tukuna, inscrevem o seu nome na relação dos etnólogos consagrados, e que dominam os circuitos de comunicação.

A sua consagração, é claro, não advém apenas do fato de ter a sua produção traduzida para o inglês, nem de ser acolhido por um grupo de produtores que já partilhava um grau elevado de consagração. Para chegar a esse ponto ele, que produzira inicialmente relatórios de exploração, vocabulários de línguas indígenas pouco conhecidas ou de

classificação duvidosa, que fizera coleções etnográficas e arqueológicas para museus europeus, que colecionara mitos e peças raras, teve que abandonar tudo que antes achara importante, para assumir a importância dos problemas que lhe eram propostos pela etnologia da época, por intermédio de Robert H. Lowie.

Pela biblioteca de Curt Nimuendaju pode-se avaliar como a sua trajetória foi percorrida com firmeza, numa determinação pessoal que jamais sofreu qualquer desvio.

Inicialmente achava-se desprovido de qualquer recurso. De Belém do Pará, em setembro de 1920, escreve ao diretor do Museu Nacional, Prof. Bruno Lobo: "em outro objeto venho ainda solicitar o auxílio do senhor. Luto aqui para poder executar os meus trabalhos, com grande falta de literatura etnográfica. A Biblioteca do Museu Goeldi rica em literatura botânica e zoológica, não satisfaz absolutamente quanto àquela disciplina, isto devido a ter o Museu nunca tido (sic) um etnólogo, desde os tempos de Ferreira Penna..."

Quando morreu possuía ele próprio uma biblioteca, mas certamente constituída sobretudo por meio de intercâmbio, pois predominavam folhetos, separatas, números avulsos de periódicos especializados, que dão uma boa idéia da sua rede de relações profissionais. Erland Nordenskiöld, P. Rivet e A. Métraux aí estão fartamente representados, como estiveram de fato presentes em toda a sua trajetória.

Entre os livros clássicos os de autoria de K. von den Steinen, Koch-Grünberg, Snethlage, Max Schmidt, Fritz Krause, além de numerosos trabalhos do grupo constituído por W. Schmidt, P. Koppers e M. Gusinde.

É digno de nota que a linha de trabalho de E. Nordenskiöld e do seu grupo do Museu de Gotemburgo jamais tenha sensibilizado Curt Nimuendaju. Ele fornecia matéria-prima a esse grupo, mas não seguia a sua orientação. Fornecia coleções etnográficas e arqueológicas, mas nunca se interessou pelos objetos em si, pela tecnologia em si, nem pela origem e distribuição de traços e complexos de cultura. Acompanhou de fato, e muito de perto, os procedimentos de Paul Rivet, por exemplo, em termos de coleta de vocabulários e procura de afinidades entre as diversas línguas indígenas.

De Robert H. Lowie possuía *Primitive Society*, na primeira edição de 1920, e *Primitive Religion*, em edição de Londres 1925. De Malinowski apenas *The Sexual Life of Savages in Northwestern Melanesia*, 3.ª edição, Londres 1932.

A biblioteca de Curt Nimuendaju pertence hoje ao Museu Nacional. Ela foi avaliada por uma comissão composta por Gastão Cruls, então diretor da Biblioteca Central de Educação, Luiz Camillo de Oliveira Netto, então diretor da Biblioteca do Itamarati, e Rodrigo Mello Franco de Andrade, na época diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em seu parecer afirmaram: "quanto aos impressos que formavam a biblioteca de Curt Nimuendaju — livros, publicações seriadas, folhetos e separatas — nenhum deles pode ser considerado raridade bibliográfica relevante ou obra de grande preço. Trata-se de acervo reduzido, sem maior interesse senão o de ter pertencido ao insigne etnólogo e o valor decorrente de suas anotações pessoais sobre alguns volumes". O valor atribuído foi de oito mil cruzeiros.

O Museu Nacional adquiriu não apenas a biblioteca, mas também o seu arquivo. Quanto a este dizia o mesmo parecer: "deste último, peças há desprovidas de interesse, por se tratar de cópias de trabalhos já publicados. Pela importância universal da personalidade de Curt Nimuendaju nas matérias em que se especializou, bem como pela riqueza da contribuição ainda inédita contida em muitos textos e *croquis* pertencentes ao seu arquivo, justificar-se-ia a atribuição de um valor avultado ao conjunto do espólio do notável especialista. Importa, porém, ter-se em conta que a quase totalidade de seus estudos e notas ainda inéditos não poderá ser publicada sem um trabalho enorme e complexo de ordenação, revisão, conferência e anotação cuidadosa, que importará em despesa muitíssimo considerável". Foi atribuído a esse arquivo o valor de oitenta mil cruzeiros. Biblioteca e arquivo foram pois adquiridos pelo total de noventa mil cruzeiros, quantia bastante alta para a época (1950).

Na edição em português da monografia sobre os Apinajé (*Boletim* do Museu Goeldi, XII) encontra-se uma nota introdutória sobre Curt Nimuendaju; nela afirma-se que este, além dos estudos publicados, "deixou uma série de manuscritos inéditos, atualmente em

poder do Museu Nacional, aguardando publicação". Tal afirmação pode levar a supor que Curt Nimuendaju tenha deixado realmente trabalhos acabados, prontos para publicação, aguardando apenas um editor, o que absolutamente não é verdadeiro. Não há um só manuscrito inédito em tais condições — todos os seus trabalhos prontos, *acabados*, foram publicados, alguns depois da sua morte. Há, sim, além dos originais de suas publicações, uma grande quantidade de anotações de todo tipo — transcrições, comentários, notas de campo, levantamentos topográficos, listas de palavras, provavelmente já incluídas nos seus *Vocabulários* indígenas, enfim um conjunto sem dúvida muito valioso mas desordenado de materiais. A publicação de qualquer parte desse material só poderá ser decidida após trabalho exaustivo de avaliação, isto em respeito aos critérios extremamente rigorosos do próprio Curt Nimuendaju. Procedimentos levianos causavam-lhe repulsa. Ao verificar, por exemplo, que a revista *Anthropos* (XXIV, 1929) havia publicado algo com o título de *Curt Nimuendaju im Gebiet der Gê-Völker im Innern Nordostbrasiliens* registrou o fato com desagrado e muito mais tarde ao comentar o sucedido em carta dirigida a Herbert Baldus (1944) esclareceu: "é o título sob o qual P. Koppers entendeu de publicar uma carta particular minha, que lhe dirigi de Barra do Corda, em 2 de abril de 1929. Essa carta, já pelo seu caráter todo particular, não estava absolutamente destinada à publicação. Vi-me obrigado a corrigir-me largamente a mim mesmo, o que fiz no meu manuscrito sobre os Timbiras, tanto na versão alemã que remeti à California University, como na portuguesa que estou elaborando agora. O pior, porém, foi que H. Snethlage "utilizou-se" largamente dessa publicação, de uma tal maneira para completar o seu *Unter Nordostbrasilianischen Indianern*, que se tornaram necessárias retificações ainda mais extensas". Além dos problemas de exegese, há problemas éticos muito sérios a considerar no caso da publicação dos chamados "manuscritos inéditos" de Curt Nimuendaju.

Curt Nimuendaju foi um *artesão*, no mais legítimo e nobre sentido do termo. Em Jena, aos 16 anos, torna-se aprendiz de mecânico-ótico da empresa Zeiss. Nessa profissão deve ter adquirido uma habilidade manual fora do comum; um ritmo lento e bem compassado de trabalho, com materiais de pequena escala.

No seu *Mapa Etno-Histórico*, trabalho final, trabalho de coroamento, estão reunidos o artesão e o etnólogo. Esse foi o trabalho de Curt Nimuendaju, o trabalho que ninguém mais poderia realizar. Diz ele: "o mapa não se baseia em trabalho etnográfico de nenhum outro autor. As bibliografias, as informações particulares e os estudos e minhas observações pessoais a respeito foram acumuladas durante decênios. "A classificação lingüística da quase totalidade das tribos, lingüisticamente documentadas foi examinada ou mesmo feita por mim. Só em alguns casos em que o material não me foi ainda acessível adotei a classificação de autoridades como Rivet, Koch-Grünberg, etc."

A tarefa de desenhar um só exemplar desse mapa etno-histórico, na escala adotada e com soma tão elevada de registros, seria hoje uma tarefa impensável. Acontece que Curt Nimuendaju desenhou nada menos de três exemplares: um para o Museu Goeldi, outro para a *Smithsonian Institution* e um terceiro para o Museu Nacional, feito por último e provavelmente o mais completo. Para produzir esse mapa valeu-se de cerca de 580 autores-fontes, ele próprio autor de perto de quarenta.

De todos os trabalhos de Curt Nimuendaju este é o mais exclusivamente seu, o mais original, o que não tem antecedente, o que não tem par nem terá sucedâneo. Este o seu grande manuscrito, pronto e acabado, e que permanecia inédito.

Agora, graças ao empenho de Jorge Zarur, como membro do CNRC, está posto ao alcance de todos.

## QUADRO DAS PESQUISAS DE CAMPO REALIZADAS POR CURT NIMUENDAJU

| ANOS | REGIÕES | TRIBOS |
|---|---|---|
| 1905—08 | Oeste de S. Paulo | Guarani, Kaingáng |
| 1909 | Oeste de S. Paulo, Sul de M. Grosso | Guarani, Kaingáng, Ofayé, Otí, Terena |
| 1910 | Oeste de S. Paulo | Guarani, Kaingáng |
| 1911 | Oeste e litoral de S. Paulo | Guarani, Kaingáng |
| 1912 | Oeste e litoral de S. Paulo | Guarani, Kaingáng, Kaiguá |
| 1913 | Sul de M. Grosso | Ofayé, Guarani, Kaingáng |
| 1914—15 | Gurupi | Tembé, Timbira, Urubu |
| 1915—16 | Missão Santo Antonio do Prata | Tembé |
| 1916—19 | Xingu, Iriri, Curuá | Juruna, Xipaya, Arara, Kayapó |
| 1920 | Litoral do Pará | |
| 1921 | Oiapoque | |
| 1921—23 | Rio Madeira | Parintintin, Mura, Pirahã, Tóra, Matanawi |
| 1922 | Ilha de Marajó | Escavações |
| 1923 | Tapajós, Mariacuã, Maué<br>Guiana, Marajó, Caviana | Escavações<br>Escavações |
| 1924—25 | Tapajós, Trombetas, Jamundá, Caviana | Escavações |
| 1925 | Oiapoque | Escavações — Palikur, Índios do Uaçá |
| 1926 | Afluentes do Amazonas, Madeira, Autaz<br>Tocantins | Escavações — Mura, Mundurukú<br>Escavações |
| 1927 | Rio Negro, Içana, Uaupés | Baníwa, Wanâna, Tariâna, Tukano, Makú |
| 1928 | Tapajós | Escavações |
| 1928—29 | Maranhão, Goiás | Apinayé, Canela, Krikatí, Krepúnkateye, Pukópũe, Guajajara |
| 1929 | Solimões | Tukúna |
| 1930 | Tocantins, Maranhão | Apinayé, Xerênte, Kraho, Canela |
| 1931 | Tocantins, Maranhão | Apinayé, Canela |
| 1932 | Tocantins | Apinayé |
| | Tapajós, Manaus | |
| 1933 | Maranhão | Canela |
| 1934 | Pernambuco | Fulniô, Xucurú |
| 1935 | Maranhão | Canela |
| 1936 | Maranhão | Gamela, Canela |
| 1937 | Tocantins | Apinayé, Xerênte |
| 1938—39 | Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo | Patachó, Kamakã, Machakarí, Botocudos |
| 1940 | Xingu, Araguaia | Gorotire, Kayapó do Arraias |
| 1941—42 | Solimões | Tukúna |
| 1945 | Solimões | Tukúna |